



Gaiato

21 DE SETEMBRO DE 1968

ANO XXV — N.º 640 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZE
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



○ CRUZEIRO DO «CALVARIO» INDICA COMO A CRUZ ALI DULCIFICA O SOFRIMENTO.

LOURENÇO MARQUES

Escassos têm sido os nossos amigos que, de vez em quando, dão até aqui um passeio, como quem procura ver o que é seu e acompanhar o que se vai fazendo. Mesmo alguns que nos têm ajudado. Confiam simplesmente.

Ora não deixem de vir; mas previnam-se, não lhes aconteça, como há dias. Entra alguém e vai andando por aí abaixo. Eis senão quando, é inspeccionado por quatro olhos curiosos do «Quefaz» e do Jaimito. Este, como mais esperto, dirige-se e pergunta o que deseja.

— Venho visitar a Casa e trazer este coelho, mas vou acolá pô-lo na vossa coelheira.

— O senhor não quer ver a quinta que a gente amostra?

— Não, já conheço.

— Venha, que a gente quer andar de burro e como ele é muito manhoso, o senhor empurra e nós dois vamos em cima.

Isto dito com os modos ladinos do Jaimito, fez desarmar em gargalhada aquela pessoa. Vejam os senhores o que lhes pode acontecer.

E agora o Ameriquito vai dizer de como nos têm ajudado.

Padre José Maria

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

Em 14 de Agosto, o «Diário do Governo» publicou a aprovação do nosso Campo Santo. Estamos gratos a todas as entidades que deram seu contributo para tal efectivação.

Agora, que não iremos causar embaraços a ninguém com os futuros óbitos, podemos encarar com mais naturalidade a chegada de novos doentes.

E já fomos por eles e tentamos continuar a conhecer aqueles que carecem de ser acolhidos.

Descemos à Nazaré. Num areal, barraca coberta de madeira e telhas velhas é poiso desairoso duma rapariga de vinte anos. O pai faleceu. A mãe vagueia por locais maus. E a pequena, atrofiada e débil mental, vive só e em perigo moral flagrante. Pessoas vizinhas informam-me que já tentaram todas as instituições do distrito; que já ali veio muita gente ver, mas ninguém solucionou o caso.

Mais ao sul, entre cepas frondosas e prometedoras de boa colheita, outra barraca. Esta é de canas a pique, coberta com colmo. No interior térreo, rapaz anormal, sem fala nem andar, todo nu, espoja-se nas fezes e na urina. O pai trabalha longe nas vinhas. A mãe faleceu. Por isso está só o dia todo. Os animais, no geral,

estão melhor que se defendem. Após lavagem sumária, vestimos-lhe roupa que os vizinhos cederam dos seus filhos e trouxémo-lo connosco.

Naquela tarde, o Calvário acolheu mais dois novos doentes.

É destes que nós preferimos, porque verificamos com nossos próprios olhos que são os mais abandonados. Raro deixamos de ir conhecer onde vivem. Queremos seleccionar. Queremos os da rua. Não escolhemos os mais fáceis. Não. Escolhemos os nossos. Aqueles a quem desejamos dar-nos.

Padre Baptista



Aquí, LISBOA

O Quim, de três anos, teve qualquer desarranjo intestinal. O Eurico, de quatro, seu irmão de sangue, acorreu a lavá-lo numa poça de água salgada, na praia de S. Julião. Alguns estranhos viram e enterneceram-se com o quadro. O Vasco, de quatro primaveras, borrou-se e em seu auxílio veio um dos irmãos, o Casimiro, de 6 anos, a lavá-lo com todo o carinho. Cenas destas são frequentes em nossas Casas. Tudo é poesia e tudo é belo, mas onde estão crianças não é difícil pensar assim. Quem quer, porém, vir e expor-se, na primeira linha, à rudeza duma vida totalmente entregue aos Irmãos mais pequeninos? Onde estão, nestes tempos em que tanto se fala de «Concílio», de «Igreja dos Pobres», e do «Reino», para só falar em expressões correntes, ricas de conteúdo mas pobres de concretizações,

as pessoas dispostas a viver mergulhadas nas agruras e nas necessidades dos seus Irmãos? Quem quer escolher uma vida que não dá honras aos olhos mundanos, nem compensações de espécie alguma, a não ser as que resultam duma fé viva no Servo dos Servos? Não haverá Seminaristas ou mesmo Sacerdotes, Senhoras e Senhores capazes de se entregarem, de olhos fechados e sem cálculos, à humilde função de servos? Onde estão as vocações? Onde estão os destemidos, que de coração puro e sem frustrações, querem passar das palavras aos actos? Palavras leva-as o vento e de oonversas está o Mundo cheio. Há, porém, tantos Quins e Vascos à espera!

x x x x

Estamos passando por dificuldades materiais, que muito nos fazem sofrer. A Aldeia Nova há-de ser, todavia, uma realidade. Os Vascos e Quins esperam instalações capazes. Não nos bastam as manifestações de mera simpatia. É preciso contar com os vossos sacrifícios. Todos somos responsáveis. Cuidais que não? Quereis ficar apenas na poesia? Se não tendes possibilidades de entregar as vossas vidas, dai das vossas renúncias ou do vosso supérfluo. O Evangelho deste domingo é o das avezinhas do Céu e dos lírios do campo. Nós acreditamos e queremos que partilhásseis da nossa fé. O Céu é para todos, mas a fé sem obras é morta. Que importa que ganheis o mundo inteiro se não vos importardes com a Alma?!

Padre Luís

Areias do Cavaco

No dia a dia, casos surgem que nos apetece desabafar. É algo que nos alegra. Aquilo que, de algum modo, nos possa servir, é sempre bom. Cada um e todos, a seu tempo actuarão conforme sua consciência e possibilidades. Pequenas lembranças, diàriamente nos surgem de algures. Sem serem esperadas, cartas abertas ou não, vão chegando com variados dizeres que muito nos contentam. Quem, de um ponto mais elevado, olhar para o decorrer dos factos, decerto reconhecerá que não é propriamente no valor material do objecto ofertado que a nossa atenção incide, mas sim e, ao contrário do que muitos podem pensar, no facto de em muitos corações haver uma chama acesa que os faz seguir o caminho da CARIDADE, lembrando-se de nós.

Homens há, que em tempos nossa Obra conheceram e que, anos depois, a deixaram cair no esquecimento.

Muitas cartas recebemos. De assinantes, homens de fracos teres que se preocupam, lamentando a sua conduta ao longo de anos depois que conheceram nossa Obra. São cartas, digamos em termo apropriado, que nos refrescam em dias de intenso calor.

Donativos! Muitos surgem. Mas, muitos mais deveriam surgir. Preciosa ajuda nos dão os que vão chegando. Amortizam nossas dívidas que são muitas. Mas, com a vossa ajuda todos pensamos e confiamos que hão-de diminuir.

Júlio Sousa

No Casamento do Zé e da Adelaide

Foi a ausência a que então me obriguei a causa de escrever, essa primeira vez, a história do Casamento do Cândido e da Ana. Depois, reflecti na magnífica oportunidade que era o nascer de um novo Lar para ir fixando doutrina relativa à Família — doutrina a ser vivida pelos Noivos desse dia, pelos noivos de outros dias, todos mais ou menos responsáveis na grande Família em que, nessa hora, entrava a Esposa. E tornou-se-me hábito escrever.

Hoje, porém, volta a ser a ausência a que estou obrigado, a causa principal desta mensagem. A ausência... e a vossa requisição de uma palavra que tornasse mais sensível a minha presença impossível.

Vós, Zé e Adelaide, não ficais ao serviço da Obra, dentro dela. Mas sois daqueles a quem o passado e o presente de dedicação, obriga a honrar no futuro a nobreza em que essa dedicação vos constitui.

Esta ambição nutro-a a respeito de todos aqueles Lares que são um rebento da nossa Família. Mas de alguns, como o vosso, tenho título para esperar muito — e espero. Espero que nada obste à legítima expansão da vossa vida de casal, uma comunhão continuada na vida da Obra que tantos anos foi Mãe (e continua a sê-lo!) do Zé. Pelo contrário, que essa comunhão vos ajude a incarnar essoutra comunhão mais genérica na vida do Próximo, que é o selo de garantia do cristianismo autêntico.

Duas notas eu queria meditar convosco pelas quais reconheceréis a autenticidade do amor que hoje vos prometeis para sempre:

1.º — O amor, que nasceu de uma simpatia, deve descrever uma curva ascendente até ao fim da vida.

Não é assim que o mundo fala do amor conjugal. O anedotário fácil, com muita audiência, reflecte a desmortalização dos que cuidam que todo o interesse do namoro murchará depressa e a paixão em breve decairá no utilitarismo da mulher que olha pela casa e do homem que ganha o pão. Uma «arrumação» de vida, enfim, que deixa aos que assim sentem do Matrimónio muitas portas abertas à sua desarrumada moral.

Não é assim que o mundo, através de meios de comunicação social tão fáceis, leves e sedutores como o cinema, os ritmos ora enervantes, ora amolecedores, os jornais, os livros, as revistas, as foto-novelas e toda a sorte de «histórias aos quadrinhos», veneno que não requer receita médica para ser usado — não é assim, dizia, que o mundo apresenta o amor. Este aparece-nos como uma sensação passageira que tem por sede os sentidos e dura quanto a embriaguez deles. Como de todo o manjar que se aprecia sobremaneira e por isso se repete até à saciedade, também do amor assim entendido cedo acontece que a suposta satisfação virou em náusea. Outro apetite dominante tomará o seu lugar, mas também, esse, a curto prazo, destinado à náusea.

O amor autêntico não é fenómeno transitório. Nasceu de uma simpatia, sim; mas ela foi passada ao crivo da inteligência. Do seu julgamento saiu a eleição. E a escolha, sujeita à prova do tempo, no namoro, no noivado, se ganhou raízes, pela certa vai dar árvore, que levará muitos anos sempre a subir e a alargar seus ramos, a multiplicar seus frutos. E acabará «morrendo de pé». Enquanto a árvore cresce, quantos vendavais não tentarão abatê-la..., quanta estiagem não ameaçará secá-la... A árvore bem enraizada resiste a todas as inclemências e quanto mais adverso for o terreno tanto mais demorado será o seu crescer, tanto mais certo será seu grande porte e o seu cerne. O amor é vida que se constrói, que se aperfeiçoa. As dificuldades inevitáveis em todo o convívio humano, serão ultrapassadas «em espírito de humildade», no reconhecimento de quanto elas polem o nosso amor-próprio e o sensualismo, sempre os dois grandes obstáculos ao verdadeiro amor. E à medida que os anos vão passando, o botão viçoso do amor na juventude, desabrocha em todo o seu encanto, em todo o seu perfume; e, se o mistério dos primeiros tempos diminuir o entusiasmo, a certeza do desejo sincero, provado, de mútua doação, transforma-se numa necessidade, à imagem do necessário amor que as três Pessoas Divinas Se têm entre Si.

Temos a curva do amor na linha do seu destino ascensional, santificante. No infinito será tangente a Deus. Ao longo dela, os dois irão tocando com a sua graça os irmãos por quem passarem.

2.º — O amor é sempre unitivo. Quando dois amores compatíveis nos aparecem em oposição, é que em relação ao objecto de um deles, pelo menos, se está infiel à linha de autenticidade do amor.

Na verdade, a prova real de uma operação é sempre a operação inversa. Se ele por ela, ela por ele, um com o outro, não são capazes de transbordar em amor, é que nunca verdadeiramente o tiveram entre si..., ou lhe deixaram entrar a ruína.

Como todo o Bem, o amor é difusivo. De sua natureza é próprio que se expanda. É fecundo; e o fruto da sua fecundidade é mais amor.

Se somos imagens de Deus no ser-em-bruto que naturalmente somos, é n'Ele que temos de buscar o Modelo do aperfeiçoamento que nos compete produzir em nós mesmos para realizarmos o mandamento que



ZÉ E ADELAIDE CORTAM O «BOLO DE NOIVA» SOB O RUIDO ALEGRE DA COMUNIDADE.

Jesus anuncia todo o homem no Evangelho: «Sede perfeitos como o nosso Pai Celeste é perfeito». Ora, se em Deus, nas três Divinas Pessoas o necessário amor, o infinito amor que entre Si Se têm, safu para fora da Trindade Santíssima e operou a Criação, também de todo o amor autêntico e particularmente do amor conjugal, apresentado pela Escritura imagem do amor de Cristo pela Sua Igreja, já é legítimo esperar-se fecundidade criadora para fora dos que se amam, qual corrente portadora de luz e de calor que se fecha sobre os dois polos

que são os Esposos. Reciprocamente, a falta desta fecundidade é sinal de que o amor está desviado da sua autenticidade. Os filhos serão primária incarnation desta fecundidade. Mas eles não são toda a fecundidade, nem a essencial fecundidade, que não falta a tantos casais que os não tiveram e nem por isso deixam de ser um centro de irradiação de bem em sua volta: amor que os Esposos partilham em casal, diferente e mais rico do que o amor que cada um de per-si seria capaz de dar.

Razoável, pois, me parece minha satisfação, quando vejo «rebrantar» da nossa grande Família um lar tão bem começado, tão religiosamente preparado como este que hoje nasce à beira do nosso Altar. E todos os valores positivos que conto desde que partilhei o vosso conhecimento e testemunho o crescimento do vosso amor, fundamentam aquela legítima ambição já confessada, de que junteis a vossa determinação à de outros casais nossos que honram a Obra que lhes foi Mãe (e é!), espalhando bem em volta de si — sinal certo e pacificante da verdade do amor que vos une para sempre, que vos une em vista de outros amores, mais nobres, mais nobres ainda, mais desinteressados, que vos servirão, eles mesmos, de constante purificação e rejuvenescimento do vosso mútuo amor.

Aí, ao lado do altar, os restos de Pai Américo lembram-nos a sua alma sempre viva de grande apaixonado. Pai, Pai fecundíssimo, que não precisou de gerar na carne nem no sangue para o ser com título que ninguém julga usurpação. Bastou-lhe amar. Amar em obras, em verdade! «E parecendo aos olhos dos insensatos que morreu, ei-lo em paz na mão de Deus» e vivo no nosso coração. Que a Sua benção vos acompanhe sempre. Que a sua insatisfação de amar mais e melhor, até ao fim, seja a sua herança para todos nós.

REPORTAGEM

A nossa Comunidade de Paço de Sousa viveu mais um dia grande com o Casamento do José e Adelaide.

Sob um dia de Estio, a nossa Aldeia viu-se embandeirada — não com bandeiras trementes ao vento, mas, sim, com corações a respirar alegria por todos os poros. É assim que a família procede; e nós somos uma Família, embora rebentos de raízes dispersas...

Tal como sempre, a festa teve início no subir os degraus do pátio fronteiro, rumo ao interior da Capela.

Abeirados do Altar, ladeados pelos padrinhos de casamento, José e Adelaide responderam às perguntas do Sacerdote. E soou o sim!, quero!

Do lado esquerdo do Altar, Pai Américo era testemunha espiritual do soleníssimo acto; e, com certeza, sorria, vendo mais um de seus filhos imerso em profunda alegria.

No final, o Sacerdote considerou-os «marido e esposa para a vida e para a morte».

Seguiu-se depois a Missa no rito habitual. Finda esta, já no terraço do cruzeiro, foi a costumada euforia: abraços

fotografias, enfim, revelações a adornar a alegria sentida pelo acontecimento.

Depois, fomos para a boda. Uma mesa simples, como simples é a Obra que a serviu. Mas, dentro da modéstia, nada faltou para nos saciar. Até mesmo o rumoroso ambiente. Nós somos assim — não há alegrias que o coração sinta que a garganta não revele. De quando em quando, um de entre todos levantava-se e soltava um viva aos noivos!, a que maquinalmente a Comunidade respondia: — viva! E continuava a refeição, servida pelos refeiteiros, que eram duma agilidade inesgotável.

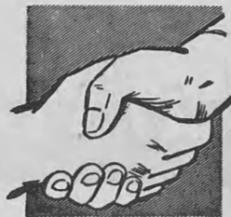
Já com a refeição praticamente no fim, seguiu-se o partir do «bolo de noiva», acompanhado dum rumor eufónico dando harmonia ao facto. Os noivos procederam depois à distribuição do bolo pelos presentes, acto que deu por terminada a boda.

De toda a Comunidade, aqui ficam os votos de inúmeras felicidades no porvir, para o jovem casal.

Santos Silva



Auto-Construção tem caminhado lentamente, mesmo muito lentamente; mas tem caminhado sempre. Não nos desagrada, por exemplo, esta maneira de ser e de viver. Temos, no entanto, no momento presente, uma grande aspiração: Que o movimento caminhe lentamente, sim, mas no maior número possível de localidades. Auto-Construção já há bastante tempo deixou de ser uma experiência local. Nessa altura nem tinha jornal, nem estatutos, nem fazia apelos ao público. Vivía, sim, uma vida escondida, recatada, modesta. Sobretudo nunca pediu a mil para ajudar



Auto-Construção

um, nunca se dirigiu a Portugal para ajudar a fazer uma dúzia de casas num lugar. Enquanto Auto-Construção foi uma iniciativa local, remediámo-nos com a prata — isto é com os escudos e com os pinheiros — da casa. Hoje já não é bem assim. Auto-Construção promo-

ve a constituição de equipas de trabalhadores e ajuda a construir casas em diversas regiões do país. Daí procurar-se a organização de um Grupo de Auxílio a Auto-Construção. É a hora desse grupo aumentar. E aumentar em número e em poder. O problema é claro. Há

milhares e milhares de trabalhadores portugueses que se não forem mentalizados, orientados e ajudados, nunca terão as suas casas. Ao contrário, se forem educados, instruídos, compreendidos e assistidos por um grupo de Amigos virão a construir as suas próprias vivendas. Estas construções serão, directa e indirectamente, vantajosas não só para os próprios Auto-Construtores mas para Portugal inteiro. E, agora, de novo a pergunta: Quem quer contribuir para que milhares e milhares de pobres trabalhadores portugueses saiam da sua passividade, do seu fatalismo e se disponham a ser mais económicos, mais empreendedores, mais remedia-

dos e assim a tornarem mais rico o país? Quando a grande maioria dos portugueses for remediada, Portugal será rico. Estas coisas não andam por si mesmas. É preciso uma organização mínima. É agora indispensável que o Grupo de Auxílio a Auto-Construção passe a ter possibilidades de mais e melhor poder actuar. Quem se alista? Trata-se de uma causa que vale a pena servir. Estar parado seria ficar para trás. É o momento de avançar.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca



VISTAS DE DENTRO

Estava a rever «O Gaiato», nesta tarde quente de 15 de Agosto, quando ouvi bater à porta.

— Entre, digo.

Não entrou ninguém.

Levanto-me da mesa de trabalho e vou abrir.

Dou com o nosso «Ovinhas» à espera.

Não é habitual os nossos baterem à porta. Estão em sua Casa e não fazem cerimónia.

Apreeiei a delicadeza do «Ovinhas» e pergunto-lhe o que me quer.

Tira do bolso uma caixa de fósforos e diz: **Esta caixa tem dinheiro e achela-a no portão.**

Como fiquei contente! É que hoje o dia é de muita tentação.

É dia de festa na Paróquia.

Logo pela manhã foram foguetes, Zés P'reiras, Bandas de música. Todo o dia o tem sido.

É tradição que, neste dia, todos cá da Casa, sem exclusão dos «Batatinhas», recebam um X conforme a idade para, à tarde, irem só eles, sem vigilantes, gastarem na festa como quiserem os escudos que lhes damos.

Lá, pelo largo da Igreja e estrada, há montes de tentações. São doces, bolas, brinquedos, pandeiretas etc., etc., mai-los refrescos e laranjadas.

«Ovinhas» podia ter ido novamente para a festa e fazer grande festa com os 40\$00 que encontrou na caixa de fósforos; mas não foi.

Gastou o que era seu. O alheio não o tentou.

Do que é capaz o lixo da rua! «Ovinhas», que, pelas ruas de Vila Nova, surripiavas o que podias para matar a fome, já encontraste o caminho nos teus 11 anos!...

Sejam sempre assim delicados e fieis todos os anos da tua vida e serás um Homem.

x x x x

Gosto muito de flores; mas gosto mais de ver os rapazes a tratar delas.

São Flores a cultivar flores. Não há flor mais bela que uma criança a despontar para a vida. E comunicá-la, à natureza — colaborando na re-criação.

Por isso me delicio a andar pela nossa Aldeia a ver os jar-

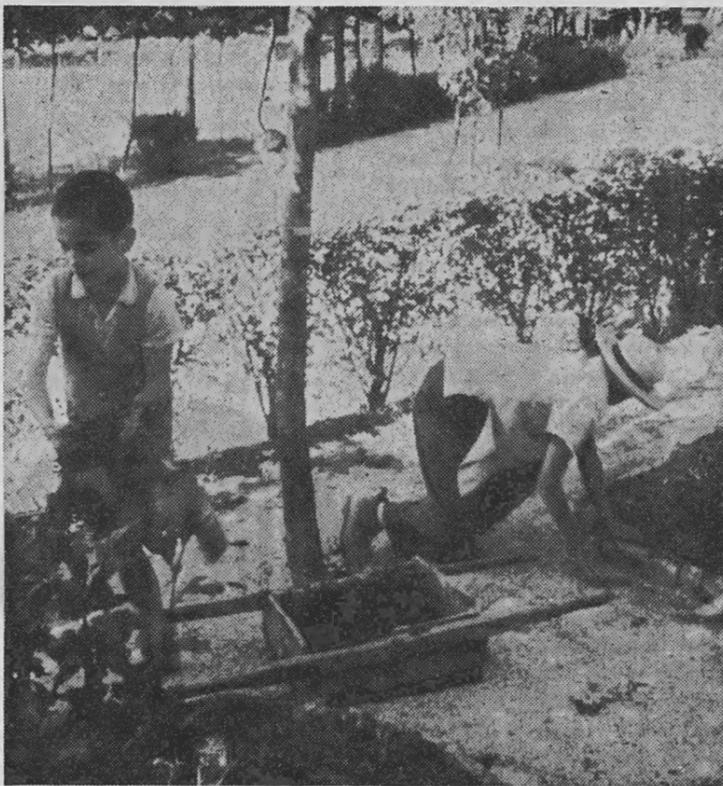
dins e canteiros que eles mesmos fizeram.

Extasio-me a observar o cuidado e o carinho que têm com as flores.

O regar, o arranjar, o limpar e o arrancar ervas daninhas são tarefas que fazem com amor.

O desabrochar duma flor cultivada por eles é, também, o cultivar-se a si próprios.

É vida a dar vida.



FLORES A CULTIVAR FLORES.

Fugi do escritório para vir tomar um pouco de ar.

Pouco antes tinha parado na frente do cruzeiro um carro.

Nele vieram duas senhoras que foram para a Capela. Depois foram dar uma volta pela Aldeia.

No campo de futebol estavam os batatinhas a rapar erva. As senhoras deram-lhes chocolates. Eu gosto de ver assim os meus filhos amimados. É que chocolate é coisa que não lhes posso dar.

Até aqui tudo é banal.

Cheguei-me, pois, até junto dos miúdos e logo vieram mostrar-me os chocolates, todos contentes.

O trabalho tinha sido interrompido por mor dos chocolates. Havia que o retomar. Assim lhes disse e eles lá se foram para as ervas. A meio do campo de futebol oiço o «Brazinha» a perguntar: **Quem é que não teve chocolate?** Responde só um, o Fernandito: **Eu!**

Logo «Brazinha» dá o seu e, sem mais, diz: **Toma.**

Este quem é que não teve e o toma não é vulgar numa criança de 6 anos. É que chocolate é coisa boa que tenta.

Que bem me soube este toma!

Ele diz da espontaneidade e generosidade do «Brazinha». Grande traquina mas que no seu toma diz já da grandeza da sua alma.

Cont. da PRIMEIRA página

De todas as partes chegam doativos que temos a ubrigação de mencionar:

Da Sociedade Agrícola do Incomati os 50 quilos de açúcar de dois meses; e mais dois vites. De Cruz da Beira 100\$00 todos os meses; mais um anónimo de 500\$00; 50\$00 por uma intenção particular. De Santos Gil, 50 quilos de arroz.

A pedra que temos trazido da Pedreira do Sr. Vergueiro, que muito generosamente nos tem oferecido; mais roupas da Av. 5 de Outubro.

Da Fraçol não só os 20 litros de óleo todos os meses como também 2.500\$; da rua Belegard da Silva, 200\$00 e várias coisas da Rua 31 de Janeiro; mais roupas; do Sr. Julião, de Malvernina, 2.000\$. De um rapaz da Obra em serviço militar na Guiné, que não nos podendo esquecer envia o seu ordenado por inteiro —

mais, fugiram. Não podiam compreender as suas boas intenções.

Toninho exclama em tom de desalento: «Ora bolas!» E, cabisbaixo, lá se voltou com a lata para o sítio donde veio.

Toninho, vai aprendendo que na vida muitas vezes te acontecerá o mesmo. Farás bem a muitos, e dar-lhes-ás as mãos e fugirão. Não desanimes. Aprende a aceitar a negação do bem que queres fazer, e fá-lo mesmo. Aprende que ser homem é precisamente não desanimar diante dos obstáculos que encontramos, mas sim vencê-los com amor e optimismo.

Padre Abraão

2.700\$; uma entrega na Catedral 275\$; da Farmácia Portugal 300\$; mais 50 sacos de cimento oferecidos pelo Sr. Alberto Gião e transporte; mais uma carrada de areia do rio e dois fretes oferecidos pelo Sr. Lima.

Da Serração Santos, 200 tábuas para fazer blocos para a construção da Aldeia; 2.167\$ de uma subscrição para a compra do equipamento que deve nos estrear dentro em breve; mais uma encomenda de calçado, da Beira; de um anónimo 30\$; da Empresa Moderna, livros escolares que somam um montante de mais de mil escudos; e mais cem escudos; de subscritores, que todos os meses recebemos, 1.235\$.

De uma senhora em férias 3.500\$; de um visitante 200\$00 mais um rádio, uma máquina fotográfica e mais brinquedos que seus filhos generosamente vieram trazer — os melhores brinquedos que tinham; de um empregado da firma A. Teixeira 100\$00; do Sr. José Saraiva uma geleira; da Rua Paiva de Andrade um ferro e uma colcha; da Casa das Carpetes um corte de pano para colchas; da Rua 31 de Janeiro roupas; de visitantes, um embrulho de roupas e mais 50\$; da Casa Bermina 50\$00 todos os meses; 1.500\$00 de Augusto Sá para um pneu da nossa carrinha, que rebentou. E finalmente mais 1.000\$ da Sr.ª Dr.ª da Farmácia Normal.

Gratos ficamos por todas as ajudas e que Deus vos pague.

Américo Rocha da Silva

Visado pela Comissão de Censura



PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

A nova Aldeia desenvolve-se, graças à boa vontade de que os nossos amigos se têm servido para nunca mais ser esquecido o bom nome do nosso Pai Américo. Por isso, as obras continuam e não terminarão enquanto o não desejardes ou enquanto não chegarmos ao ponto desejado por nós e por vós. Em vista disto continuamos a sonhar convosco, nós que nunca vos esquecemos nas nossas orações diárias.

É tão belo dizer que a Aldeia cresce e que um dia será refúgio acolhedor para rapazes como nós que centaram com o sacrifício dos anteriores. E embalados nesta certeza os nossos Rapazes não desanimam e continuam p'rá frente. E a prova disto situa-se no facto de o edifício das nossas oficinas estar em grande parte na fase de acabamentos. Não só isto, mas também a Casa-Mãe nos aparece grandiosa, fruto duma reconstrução

sólida do nosso «Casal Agrícola». Os Rapazes não olham para o que está feito, mas sim para o que falta fazer.

E assim a Obra cresce e vai percorrendo um caminho de Amor cumprindo as Obras de Misericórdia e fazendo almas bem-aventuradas.

A generosidade dos que nos querem bem, pode sentir-se nos mais variados lugares, nas mais variadas pessoas e das mais variadas maneiras. E o valor da oferta não importa. É o caso dos vendedores de legumes, frutas e peixe do Mercado da Ericeira. Como os leitores devem saber, temos uma Colónia de Férias em S. Julião da Ericeira. Fica, aproximadamente, a 5 Km da vila. Ora, dia sim dia não, dois ou três Rapazes nossos deslocam-se lá para se abastecerem de provas de carinho de que somos alvo da parte dos mercadores daquela simpática vila. Já lhes são familiares as caras risonhas daquelas crianças simples como eles, que lhes aparecem pela frente suplicando amor porque dele precisam. E as pobres criaturas, de coração sensibilizado, esquecem o sacrifício e encaminham para o cesto

o mais que podem dar e o seu coração alegra-se perante o olhar agradecido daquelas encantadoras crianças. São raríssimas, e até diria que não existem, as pessoas que, no mercado, não os acolhem com uma caridade sã e cheia de ternura como se vissem ali a imagem do próprio Cristo. Depois de estarem bem abastecidos, os pequenos voltam para Casa alegres porque os companheiros os esperam ansiosos.

É obra do Deus Vivo, aquelas criaturas tão rudes, sem formação de qualquer espécie, terem um coração tão farto de amor, humildade e nobreza. Que Deus os recompense depressa. É isto de belo e salutar que os nossos corações agradecidos descobrem e que depois oferecem ao Criador. E a Obra não morrerá nunca porque Pai Américo vo-la entregou para que a mantenhais viva.

São tantas e tão grandes as provas de amor que nos chegam, que é impossível enumerá-las. Mas não chegam. Precisamos de mais e mais, especialmente nesta altura em que se está a erguer uma obra que será segundo os desejos de Pai Américo.

Nesta coluna quero, em nome dos Gaiatos do Tojal, exprimir o meu reconhecimento a todos os Laboratórios Farmacêuticos, a quem solicitámos complexos vitamínicos, pelas atenções dispensadas ao nosso pedido. Deste modo contribuíram para a supressão de carências que grande parte dos nossos Rapazes apresenta, fruto das privações que tiveram antes que a Obra os acolhesse, ou pela debilidade dos progenitores.

Mercê da vossa caridade esta Casa e toda a Obra continuarão chamando a si todos os desprotegidos para quem conduzindo-os pelo caminho do bem, nasçam corações nobres e homens válidos para a sociedade.

Todos os Rapazes desta Casa vos estão sinceramente gratos.

Que a Providência vos dê o Céu que nós vos retribuamos Amor, Até sempre.

Mário Fernando



MIRANDA DO CORVO

OFICINAS — Os trabalhos encomendados pelos nossos fregueses continuam a sair das oficinas, não em grande número, como era de esperar, mas gradualmente. Esperamos que as encomendas aumentem, para que o trabalho seja mais constante e progrida na mesma medida.

AGRICULTURA — A faina agrícola está em plena actividade. A ocupação predominante nesta quadra é a que se relaciona com o milho. Este cereal é a base da alimentação da Comunidade. Já está despontado, desfolhado e em breve começará a ser descamisado. Depois de todas estas transformações, e mais algumas, o milho dá-nos a farinha para o pão.

As uvas estão quase no auge da sua criação, isto é, estão quase maduras e, visto isso, avizinha-se a vindima tão ansiada por todos.

Manuel Cesário

Francisco José Henriques



Chales, colchas em lã e algodão muito bonitas (e agora na moda por imitar as antigas), passadeiras, mantas, tapetes, carpetes, camisolas, pegas, etc.

Eis tudo o que se faz, na Casa de Jesus Misericordioso, em Ordins. Tudo isto é útil em vossas casas. Por isso, senhoras leitoras, continuamos à espera das vossas encomendas.

Este ano, com mágoa o digo, temos tido tão poucas! No entanto, continuamos a trabalhar sempre na esperança que um dia as férias acabem, e venham com mais saúde e disposição, para olhar para o outro prisma da vida. Estamos habituadas a lidar com a miséria, e daí-nos o coração quando batem à nossa porta a pedir, a chorar, a desfiar vidas. Por isso, o trabalho para as teceadeiras e crianças é uma fonte

LAR DE COIMBRA

O novo ano lectivo está à porta e, por isso, cada um de nós tem andado um pouco atarefado em arranjar a papelada.

Este ano, além dos que cá ficaram ocupados com as obras do Lar, seremos ainda mais vinte, estando dezasseite a estudar, dois empregados e o cozinheiro.

De dezasseis estudantes, o Chico e o Casimiro irão para o 4.º ano da Escola Industrial e Comercial no curso de dia e o Marques, o Manuel, o Israel e o Cândido no curso nocturno. Eu irei para o 1.º ano do Magistério e os restantes, César no 5.º, Barbosa no 3.º, Lita, Luís Manuel e Simões no 2.º e Zé Manuel, Bandarita, Trino, Domingos e Albino no 1.º, irão para o Colégio Pedro Nunes.

Oxalá saibamos todos aproveitar o novo ano que vai começar.

A par da azáfama que existe cá em Casa não nos esquecemos da preocupação número 1, que é a construção do edifício que será o futuro Lar.

Terminada há já alguns dias a placa para o primeiro piso, estão-se presentemente a erguer os pilares para depois continuar a levantar-se o edifício.

A obra vai tomando cada vez mais forma, apesar das dificuldades que têm surgido.

Num destes dias passou por cá o senhor Engenheiro que disse ao senhor Padre Horácio que eram necessários mais oitenta contos de ferro. De vez em quando é preciso comprar cimento e então tem de ser logo aos quinhentos sacos! Outras dificuldades como estas vão sempre surgindo e, como é óbvio, são precisos meios para tudo isto, embora não nos julgemos sós.

Por isso, contamos com a tua amizade, e cá esperamos por ti, amigo.

TRIBUNA de Coimbra

Nos domingos de Agosto foi o nosso roteiro pelas praias e termas da região. A Palavra que anunciámos ao Povo de Deus que se reuniu à volta do Altar foi a Palavra do Senhor. Procurámos que a Palavra fosse vida e que as figuras apresentadas por Jesus fossem incarnadas no nosso tempo.

O Senhor começou por chorar ao ver as nossas Jerusaléns; ambientes de prazer e corrupção — cabarés, piscinas, revistas, reuniões com nomes de festas, «boltes». Muitos estonteados sem se aperceberem da desgraça de que se estão a abeirar e sem respeito por todos os algemados pela guerra, pela fome e pela coacção de liberdade.

Depois apresentou o fariseu e o publicano. A posição do homem crente diante de Deus. O fariseu incarnado no homem colocado no alto, instalado, seguro na sua posição, cumpridor integral da letra das leis, que dá esmola à vista, que pode gozar as férias onde e como bem lhe apetece, que não gosta de ser incomodado. O publicano encarnado no homem (na grande maioria dos homens) que não pode ter férias, que não tem o pão suficiente, que não tem assistência condigna

na doença ou invalidez, que não pode ter filhos, que não tem condição social. O fariseu que se retirou mais afastado de Deus e o publicano que ficou mais justo. Todo o homem crente incarna uma destas personagens.

No meio do mês apareceu a Mãe do Céu no seu triunfo sobre a matéria a dizer aos filhos que a vida da terra é uma peregrinação e que todo o nosso ser foi criado para o Céu, mesmo o nosso corpo.

A seguir o Senhor apresentou-nos o surdo-mudo. O homem limitado que se acerca do Senhor Todo Poderoso. O homem que reconhece a sua dependência de Deus. O homem que conhecendo-se a si próprio se humilha e tem fé. O homem que se humilha e agradece os dons recebidos, pois sabe que o bem não é propriamente seu e, por isso, dá glória a Deus.

Por fim vem o homem assaltado e caído: o ladrão, a criança abandonada, a prostituta, a viúva sem braços, o doente sem leite e sem carinho. Vêm os caminhantes no sacerdote e no levita: cada um representa uma classe. São os que cumprem os seus deveres de salvação dentro do templo e na vida cada qual que se governe. Vem o samaritano: o homem enjel-

tado na sociedade mas o que ganhou a partida. Foi o que amou. E o seu amor foi salvador: o homem semi-morto voltou à vida. O homem caído foi abraçado e as suas feridas foram curadas. O abandonado foi levado à estalagem. Só o homem que é capaz de amar está no caminho da salvação.

Como lembrança material o Povo de Deus que nos escudou deixou-nos a sua oferta. Procurámos que esta oferta fosse o quinhão dos Pobres. Muitos deram um quinhão bem mingado.

De S. Pedro de Moel, onde sentimos um conforto familiar à mistura com luxo já muito exagerado, trouxemos quase nove contos. Foi pouco para o que a nossa vida val percebendo.

S. Martinho do Porto, onde temos sentido sempre a modéstia e simplicidade, entregou-nos dezoito contos e um grande testemunho de Mãe capaz de amar os filhos dos outros, mesmo que sejam peso para os seus.

Luso, no seu ambiente de repouso e tratamentos, dá-nos a impressão de interioridade. A nossa atitude é de paz. Recolhemos nove e mais uma lição que na próxima te hei-de transmitir.

A Figueira da Foz, onde mais nos custa a ir, mas onde mais somos necessários, à mistura com tudo o que é profano anda uma ansia grande do divino. São forças que se chocam e que é bom se não confundam. Os cristãos, que em grande número nos ouviram, deixaram na minha capa e nas sacas quase quarenta. Não digas que foi muito, pois vi por lá muitas jóias e objectos que me humilharam.

A última foi Monte Real. Muito movimento. Muita vida. Também muito carinho e nove contos.

Que cada um que escudou o Senhor pela nossa voz, e tenha visto os irmãos nos nossos testemunhos, saiba agradecer a Deus o dom que nos fez.

Padre Horácio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOCAMBIQUE

de riqueza, não só material, como espiritual também; e mais ainda o espiritual. Entretidas no trabalho, há mais alegria, mais amor ao lar, e menos palavrões e intrigas. Tenho, na minha frente, uma fotografia do nosso Pai Américo. Estou a escrever para vós leitoras amigas, e pedindo sua intercessão junto do Senhor para que faça com que estas minhas palavras tenham repercussão no vosso coração, como tiveram no de! Lembrai-vos que a sua caridade também passou por aqui, nas casas do Património dos Pobres, em concertos de casas, e no amparo a esta gente por meio do trabalho. Ai de nós se nos falta este amparo e a fé em Deus! Para terminar, vai uma carta tal qual a recebi. É de Lisboa:

«Junto os habituais 100\$00 para os agasalhos do Calvário. Tenho muita esperança de até ao fim do ano de 1969, Deus me proporcionará a satisfação de poder aumentar para o dobro a minha contribuição. Não é uma promessa que eu faço, mas sim um desejo».

Não me agradeça; agradeçamos os dois ao Senhor. Quem dera que apareçam muitos desejos destes.

Maria Augusta